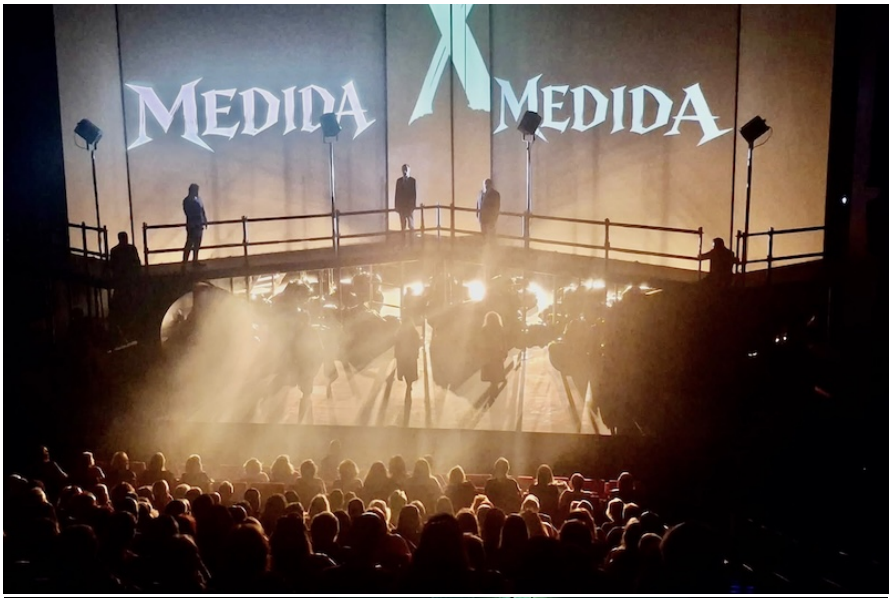
A Cultura não dorme em Almada

" Os infelizes não têm outro remédio senão a esperança"
(Medida por Medida)

Começo assim por dizer que Almada tem em cena um grande espectáculo: "Medida por Medida", de William Shakespeare, com encenação de Ignacio García, em colaboração com a Companhia de Teatro de Almada (CTA), e versão dramatúrgica de José Gabriel López Antuñano, a partir da tradução de Fernando Villas-Boas. Estreado a 30 de Outubro e até agora já muitos, também vindos de Lisboa e outras paragens, o viram e aplaudiram. E assim prevejo que será até ao fim da carreira (29 de Novembro). Confesso que já o vi duas vezes, em estreia e no passado domingo.





©José Manuel Castanheira

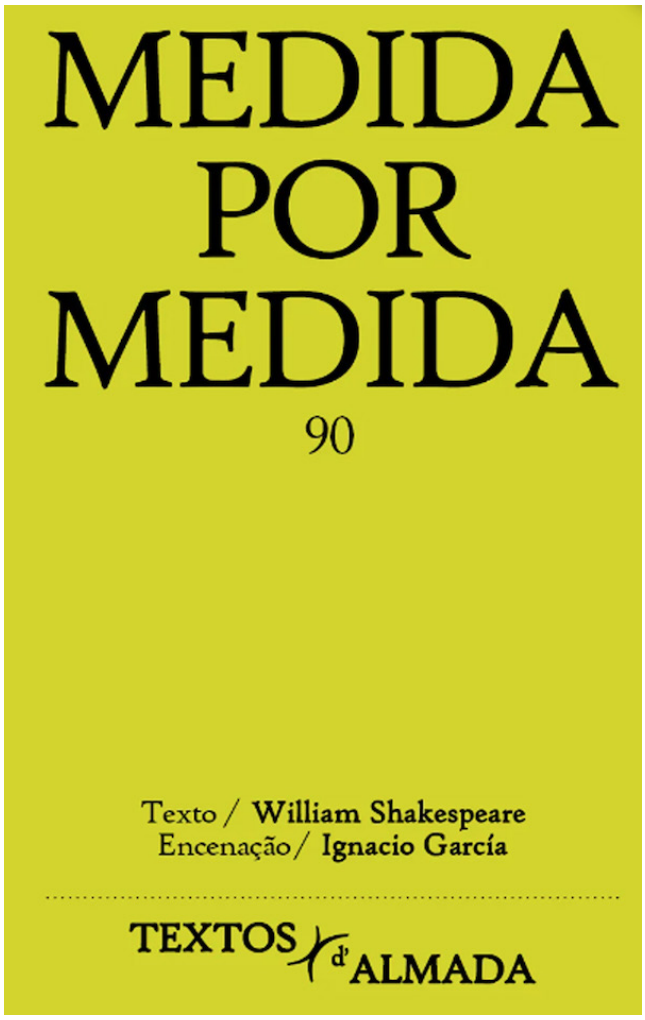
CONTINUA

O espectáculo que traz Shakespeare aos nossos dias. A estreia foi apoteótica. E nesta segunda vez constatei público de todas as idades a segui-lo com atenção desmedida e, por fim, a aplaudir, aplaudir. A ligação com o que estamos a viver é plenamente conseguida – é o chão do Mundo.

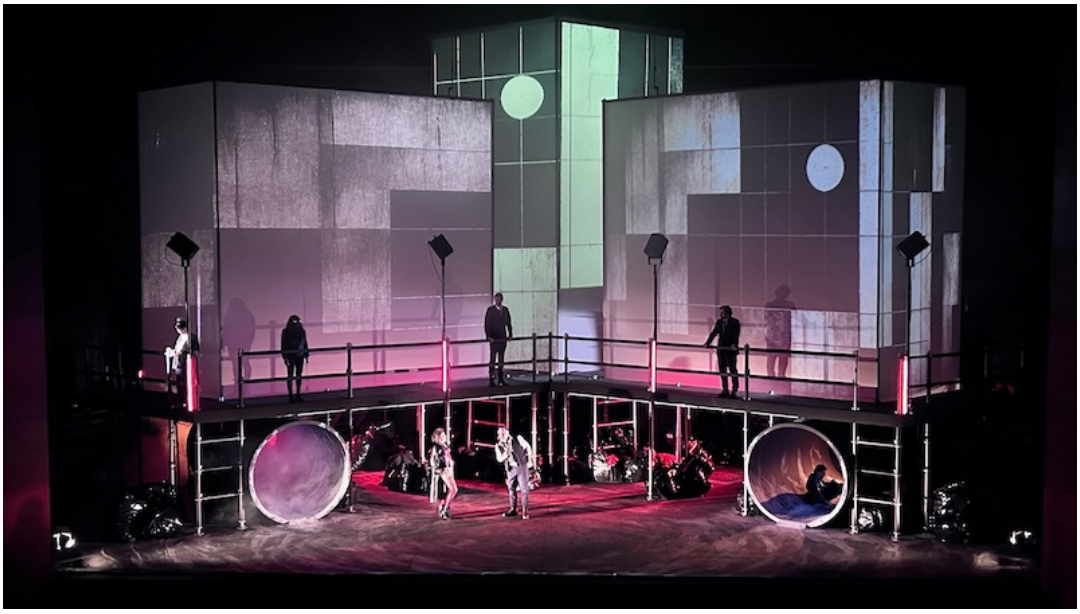
Comédia? Quantas dúvidas quanto à natureza de comédia, negra talvez. Como alguém disse, seria mais fácil rirmo-nos se a tragédia que ela apresenta não nos fosse tão próxima. O poder, a ambição, a corrupção, a condição da mulher, a falsidade, os disfarces – o Duque afasta-se do governo, mas não da cidade, aí permanece disfarçado de frade, como espia, enquanto coloca Ângelo na chefia de Viena, homem austero, em quem confia para repor a ordem, com a aplicação das leis, nomeadamente contra as relações sexuais fora do casamento. Cláudio é condenado à morte, porque a sua noiva está grávida. E eis quando Isabela, a sua irmã noviça num convento, vem pedir clemência, Ângelo, dominado por um desejo súbito de possuí-la, propõe-lhe que se lhe entregue para salvar o irmão da morte. E moralista, cujo nome simboliza até virtude, faz-lhe ver que, se a tal se recusar, será, então, ela a verdadeira responsável da morte do irmão... Que desmando mais hipócrita!

A lei não é neutra, antes é determinada na sua aplicação pelos impulsos de desejo ou paixões de quem detém a autoridade. Como bem frisa Maria Sequeira Mendes no seu texto "Um recreio e não um crime", ínsito no excelente caderno de apoio a *Medida por Medida*:

" Interessantemente, as personagens secundárias, os dissolutos, que vivem em busca do prazer sem se preocuparem com isso, correspondem àquilo que delas se espera. Para Shakespeare, os falsos moralistas são mais perigosos do que os dissolutos, nos quais as palavras e as acções estão alinhadas."



CONTINUA



Sabe-se que o título da peça é inspirado no Sermão da Montanha, retirado de uma passagem do Evangelho segundo São Mateus (capítulo 7, versículo 2). E a encenação de Ignacio García faz dela um coro, assim se escuta por mais do que uma vez: Porque com o juízo que julgardes, sereis julgados. E a medida com que medirdes, será aquela que vos medirá.

Por fim, relativamente ao espectáculo que nos é dado a ver no Teatro Municipal Joaquim Benite (TMJB), com os detentores do poder num primeiríssimo plano, piso de cima do espaço cénico, e no de baixo o submundo de Viena, com a figura central da prostituta, dona de bordéis, cuja frequência é de todos os estratos sociais, diria que grande Medida foi esta ousadia!

Uma actualização do texto criativa, porque não deixa de lhe ser fiel, e tão oportuna. Muito bom trabalho dos intérpretes, numa encenação dinâmica em que se apreende tudo jogar com tudo, complementada com a movimentação das actrizes e actores, a iluminação de Guilherme Frazão, o vídeo de Pedro Castanheira (sem o pecado da ilustração, bem se percebe quão importante é neste espectáculo), e os figurinos de Sérgio Loureiro a caracterizar bem cada uma das personagens.

Quanto à música, como bem colhi das palavras de um amigo, mestre em filosofia, ela disfarça a tragédia em comédia, pondo a dançar esperança e desesperança, e nós ali, personagens e espectadores. Permitam-me, afastando a proximidade, que continue a citá-lo, a cenografia é o palco deste palco e o seu coração, como acontece no trabalho plástico de Castanheira – entre o caos da ordem (lei) e a ordem desejada, está esse coração que bate; o trabalho do Pedro Castanheira entendeu bem a cenografia, mas, para além disso, entendeu bem o texto e o contexto, expandido-o em imagens fortes e belas, afinal, o chão muito antigo do mundo, ou apenas nós nele envelhecidos.

E agora sou eu que termino com aplausos para André Pardal, Ana Cris, Duarte Grilo, Duarte Guimarães, João Cabral, João Didelet, José Redondo, Maria João Falcão, Marina Albuquerque e Pedro Walter.

Ainda uma chamada de atenção para as conversas com o público, aos sábados, 18h, que acompanham a carreira do espectáculo. Ainda vou a tempo de mencionar as próximas;

CONTINUA

14 Novembro – O poder da Informação, Informação é poder? As fake-news e a Inteligênci estão a privar os cidadãos do poder de serem informados?, com Maria Flor Pedroso e Da (Jornalistas)

21 Novembro- O poder da lei, O autoritarismo, a lei e a fiscalização do poder político, com Alexandra Leitão (Jurista, Vereadora na Câmara Municipal de Lisboa)

28 Novembro – O poder da criação, A cultura enquanto alimento do espírito e poder transformador, em tempo de crise, com José Manuel dos Santos (Escritor)

Nota ainda para a exposição de fotografia bem teatral, de Alípio Padilha, patente na galeria de exposições do TMJB.

E como não nomear a Mostra de Teatro de Almada, na sua 30ª edição, a fervilhar em todo o concelho com18 espectáculos, até 29 de Novembro, na diversidade da criação teatral pelos vários grupos de Almada em palcos distintos. A saber, Auditório Fernando Lopes-Graça, Casino da Trafaria, Salão da Incrível Almadense, Salão das Carochas, Teatro-Estudio António Assunção, ou inclusivamente a Rua Cândido dos Reis, em Cacilhas, que recebeu uma performance teatral itinerante Natural_mente – Flores, coproduzida pela Produções Acidentais e pelo Teatro Extremo.

Ou também em Cacilhas nos próximos dias 14 e 15 de Novembro, às 14h30, acontecem novas apresentações de Cais2Cais, teatro- percurso de João Monteiro e Francisca Paiva, que desafia os participantes, a partir do Farol de Cacilhas, a caminhar pela frente ribeirinha do Cais do Ginjal, acompanhados por narrativas em português e inglês que cruzam memórias do passado industrial de Almada com as transformações do território.

Também a 14 de novembro, às 21h, o Salão das Carochas acolhe de César Melo Stories4Boys, inspirado na obra Qui a tué mon père, de Édouard Louis, obra notável que cruza ficção e autobiografia, para interpelar modelos de masculinidade e a injustiça social.
E o Salão das Carochas, na noite de 26 recebe ainda O Último Reich, inspirado na obra Terror e Miséria no III Reich, de Bertolt Brecht, com encenação de Ana Nave.

Em Actividade Complementar à Mostra de Teatro de Almada, com entrada livre, no sábado dia 14, no Fórum Romeu Correia, Sala Pablo Neruda, Ana Nave lerá poemas de Federico García Lorca, acompanhada ao vivo pelo músico José Peixoto. Um interessante Recital, por ocasião da apresentação do livro A Casa de Bernardo Alba, de Lorca, numa versão (tradução e adaptação) de Rui Silvares.

CONTINUA



©José Manuel Castanheira

Almada não dorme culturalmente. Fora do teatro, lembro que na Oficina da Cultura está patente a exposição de aguarelas de José Manuel Castanheira "Terra da Fraternidade – 54 recados para José Afonso", uma oportunidade para quem não a viu durante os meses de 2024 na Assembleia da República.

CONTINUA